

# “O MEU PAÍS É COMO A MINHA MÃE: POSSO ODIÁ-LO ÀS VEZES, MAS NÃO DEIXA DE SER O MEU PAÍS”

22

Foi a primeira vez que Oliver Stone esteve em Portugal. O realizador de cinema apresentou o seu livro e documentário sobre a história não contada dos EUA, sobrevoou as vinhas do Douro, passeou por Lisboa e pelo Algarve, fascinou-se com os Jerónimos e a ponte Vasco da Gama. E não descansou enquanto não conheceu Mário Soares. Entretanto, falou em exclusivo com a SIC e o Expresso. Polémico, como sempre. Mas mais sereno com a vida

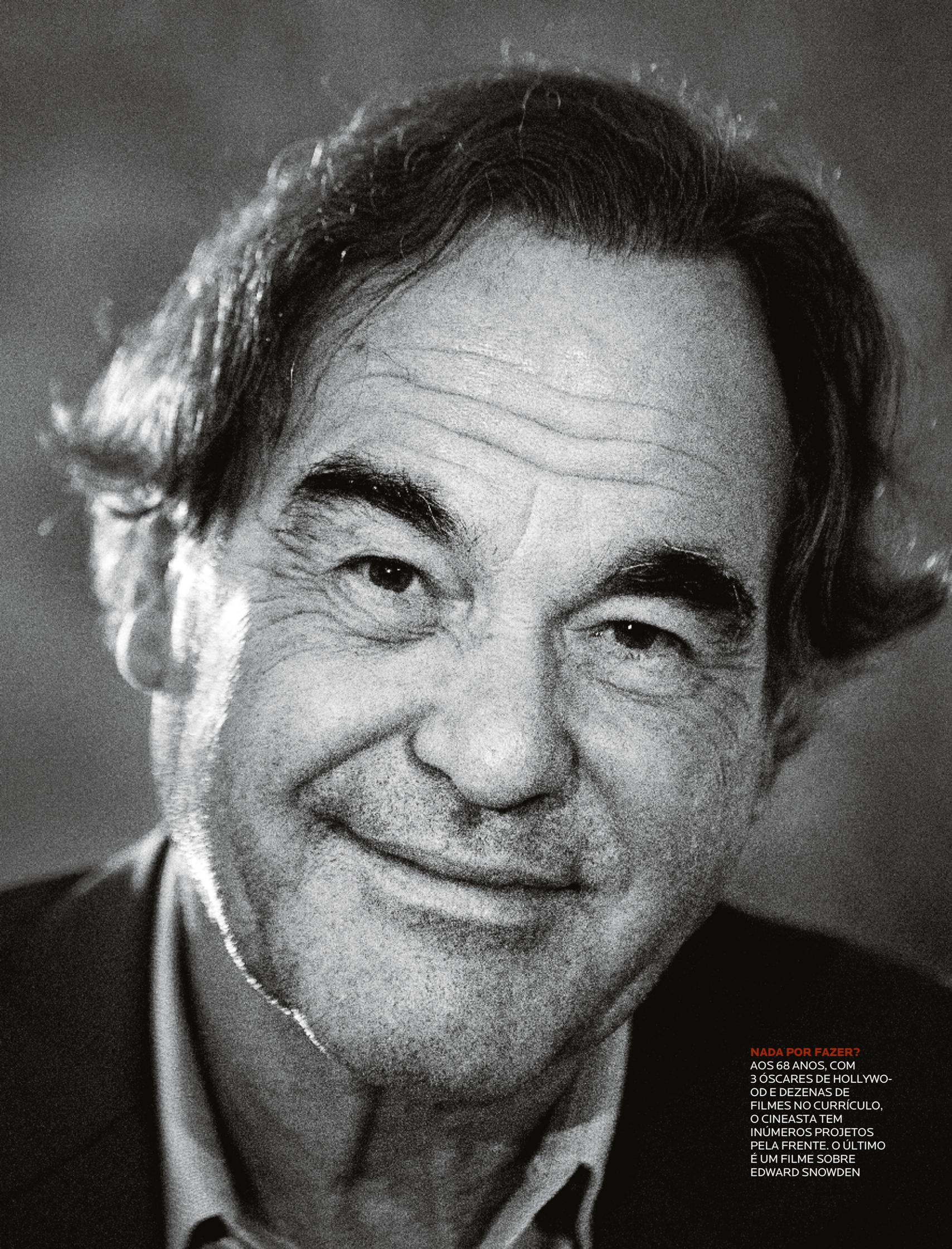
ENTREVISTA DE **KATYA DELIMBEUF** FOTOGRAFIAS DE **RUI DUARTE SILVA**

**O**

lugar oitocentista já está iluminado, os focos instalados e prontos para receber Oliver Stone. É a primeira vez que o realizador de cinema vem a Portugal, e a oportunidade de falar com ele é tão rara como aguardada. No Solar dos Barros, em Sabrosa, onde Oliver está hospedado, a pedra das paredes acolherá dentro de momentos a figura polémica, dura, lúcida, de apelido homónimo. Está tudo a postos, cameramen com planos prontos, staff apressado em preparos e recomendações de última hora, mas os minutos estendem-se e Stone não aparece. Meia hora mais tarde, Oliver

faz-se anunciar pelo tom de voz e o sotaque americano. Aos 68 anos, é um homem grande, mais portentoso do que alto. Na lapela traz a medalha que lhe deram de véspera, na Câmara do Porto, das mãos do presidente da câmara Rui Moreira — a quem Stone chamou de “handsome dude” (“tipo garboso”). A seu lado vem a mulher, Sun-Jung Jung, a terceira mulher do realizador, com quem tem uma filha de 19 anos, Tara.

Antes de começar a gravar, Oliver levanta-se para ver o plano que os cameramen têm preparado. É um homem da imagem, afinal — um perfeccionista,



**NADA POR FAZER?**  
AOS 68 ANOS, COM  
3 ÓSCARES DE HOLLYWO-  
OD E DEZENAS DE  
FILMES NO CURRÍCULO,  
O CINEASTA TEM  
INÚMEROS PROJETOS  
PELA FRENTE. O ÚLTIMO  
É UM FILME SOBRE  
EDWARD SNOWDEN



**ILUMINADO**  
O LAGAR DO SOLAR DOS BARROS, EM SABROSA, NO DOURO, ONDE O REALIZADOR, A MULHER E A SUA EQUIPA FICARAM ALOJADOS

percebe-se. Foi essa mesma obsessão pelo trabalho que fez com que, cansado após uma longa viagem, já no Douro, tenha acabado de escrever o guião para o novo projeto que tem entre mãos, um filme sobre Edward Snowden, o ex-analista da CIA que denunciou o sistema de vigilância da NSA, revelando uma quantidade assombrosa de dados gravados pelo Governo norte-americano. Ainda antes da luz da câmara se acender, houve tempo para um desvelo amoroso: a mulher saca de um pente e passa-lho na parte de trás da cabeça. Agora sim, pode bater-se a claquete e ligar os gravadores.

Oliver Stone esteve pela primeira vez em Portugal a convite do Douro Film Harvest, festival de cinema que vai na 6ª edição. O realizador norte-americano, três vezes galardoado pela Academia de Hollywood — apesar do forte pendor antissistema da sua filmografia — passou seis dias no nosso país, entre as vinhas do Douro, as margens da capital, e o Algarve, a Sul. Veio apresentar o seu livro, fruto de quase cinco anos de trabalho com o historiador Peter Kuznick, “The Untold Story of The United States of America” (“A história não contada dos EUA”), que é também um documentário de 10 episódios, editados e narrados pelo próprio. É a sua herança para o futuro, na esperança de que os jovens norte-americanos tenham acesso a mais do que a versão da história politicamente correta.

Este é o seu novo projeto, que é quase de serviço público para as próximas gerações. A ideia surgiu-lhe ao perceber o tipo de História que os seus filhos — de 30, 23 e 19 anos — aprendiam na escola; uma História onde os EUA eram sempre o herói. “Quis que os meus filhos conhecessem a verdadeira história dos horrores que aconteceram nos EUA. Há muitas sombras escondidas debaixo das pedras. Eu não as aprendi na escola,

os meus filhos não aprenderam, e continuamos a repetir os erros do passado”, defende. Ao longo de 750 páginas, Stone e o historiador Peter Kuznick tentam ver a floresta na História da grande nação americana em vez das árvores. Ou seja, tentam perceber os padrões que se repetem de 1898 (com a anexação das Filipinas, a ocupação de Cuba) até 2013 e ao “Estado vigilância” de Obama. “Nós damos uma visão do todo, uma visão sistémica”, explica o realizador. “Em nenhum sítio esta informação está reunida como neste livro. O sistema educativo norte-americano e os manuais são muito conservadores. As comissões que decidem os conteúdos tendem a ‘disneyficar’, a higienizar a História.”

O documentário de 10 episódios foi exibido no canal Showtime, há dois anos, e a Warner Brothers distribuiu-o em DVD, e em Bluray, nos EUA. “Vendeu muito bem”, conta. A esperança do realizador é que este resista como material histórico, pelos “factos sólidos” que apresenta, e que possa continuar a ser visto através dos tempos. O argumentista e produtor quer evitar que aconteça às futuras gerações aquilo que lhe sucedeu a ele. Afirmou há tempos, sobre a sua educação: “Andei sonâmbulo até aos 40”. Com isto quer dizer que também ele “comprou” o discurso dos sucessivos governos norte-americanos sobre a ameaça comunista e a necessidade de a combater. Filho de pai republicano, teve uma educação conservadora. Alistou-se na guerra do Vietname, onde combateu de setembro de 1967 a novembro de 1968, e recebeu várias medalhas — uma “Estrela de Bronze” por heroísmo e uma “Purple Heart”. Esta experiência seria fundamental para que Stone escrevesse e filmasse a sua trilogia no Vietname: “Platoon” (1986), o primeiro grande êxito — e o primeiro Óscar como realizador — aos 40 anos, “Nascido a 4 de Julho” (1989),

e “Heaven and Earth” (1993), o menos conhecido — “comercialmente vetado” —, sobre uma personagem feminina (rara) — a rodagem que despertou o realizador para o budismo (já lá iremos).

### OBAMA, A DESILUSÃO

Mas não foi a rejeição da guerra do Vietname que deu a Oliver Stone a sua vinculada consciência social de esquerda — quase única no universo do *showbiz* de Hollywood. Foi, explicou, assistir àquilo que o seu país fez aos países da América Central, apoiando fações armadas e instigando guerras civis. Daí resultaram filmes como “Salvador” (1986), sobre a guerra civil em El Salvador, ou os três documentários sobre Fidel Castro, de quem Stone se considera amigo. A sua ideologia também o aproximou

de figuras de esquerda polémicas, como Hugo Chávez, na Venezuela, por quem nutria estima.

Para este realizador antissistema, o atual Presidente dos EUA revelou-se uma profunda desilusão. “Quando Obama começou o seu mandato em 2008, havia imensa esperança em torno dele. Mas esse navio já partiu”, considera. “E se ele tinha a sociedade mobilizada! Todas as suas movimentações foram erradas. Criminalizou o jornalismo através do “Espionage Act” (acusou oito pessoas, mais do dobro do que todos os seus antecessores juntos) — o que não deixa de ser bizarro para um homem que tirou Direito... Parece que a partir de Reagan, nos anos 80, se iniciou um ciclo conservador nos EUA, que se mantém há 44 anos. Precisamos de alguém que não ache que precisamos de nos proteger”, resume. Para ele, Obama tornou-se uma decepção tão grande como Bush. E tornou público que não gosta de Hillary Clinton. Será que vai votar nas eleições presidenciais de 2016, perguntamos-lhe. “Preocupam-me as declarações de Hillary, sempre no sentido de que os EUA têm o direito de intervir para fazer do mundo um sítio melhor”. Chamou a Putin, quando ele invadiu a Crimeia, “Hitler da Europa de Leste”. “Para mim, estas declarações revelam falta de cultura histórica. O marido, ao menos, tem mais matéria para admirar. Provavelmente não irei votar, se for Hillary a candidata democrata”.

Mas, nesse caso, porque é que ainda vive nos EUA, sendo tão crítico do posicionamento do país? Stone explica: “Trabalho em Los Angeles, onde ganho dinheiro, e vivo em Nova Iorque. As políticas dos EUA deixam-me desconfortável, por vezes, mas gosto muito do meu país. Gosto, acredito nele, servi-o na guerra. É como o amor que se tem a uma mãe: às vezes podes odiá-la, mas não deixa de ser a tua





mãe. E o teu país é como a tua mãe. Pode ser-se crítico dos EUA, isso é muito importante. Sobretudo para os jovens, é importante saberem que têm melhores raízes do que as que lhes são ensinadas”.

### SNOWDEN, O HERÓI

O projeto que Oliver Stone tem agora entre mãos é mais um tema quente da atualidade, como só ele consegue tratar: em fevereiro do ano que vem começará a gravar um filme sobre a vida de Edward Snowden, o ex-espião da CIA que tornou pública uma série de detalhes sobre o sistema de vigilância global da NSA (Agência Nacional de Segurança). “Snowden foi quase o espião perfeito, porque não quis envolver mais ninguém nas suas denúncias. Tomou completa responsabilidade pelos seus atos, apesar de ter pago um preço alto por isso. Um jovem ter uma consciência dessas é raro nos dias que correm, em que toda a gente se vende... É fascinante. Ele ia a caminho do Equador, onde lhe deram um salvo-conduto, e o seu passa-

#### MOMENTOS

COM A MULHER, SUN-JUNG JUNG, QUE O PENTEOU ANTES DA ENTREVISTA. EM BAIXO, O LIVRO (DE 750 PÁGS) QUE VEIO APRESENTAR NA EUROPA. “A HISTÓRIA NÃO CONTADA DOS EUA”

porte foi revogado a bordo de um avião — os EUA nunca tinham feito isto”, continua Stone. “Snowden foi retido em Moscovo, e a Rússia deu-lhe asilo, o que lhe custou caro nas relações com os EUA. Parece que voltámos ao tempo do mcarthismo e da caça às bruxas. Não me parece que isto seja saudável. E não aceito esse sistema”, remata.



Obama é o responsável direto pelo aumento da vigilância global e por vivermos num mundo orwelliano, segundo ele. Daí grande parte da sua tristeza relativamente ao atual Presidente. “O diretor da NSA deu ordens para ‘recolherem tudo’ (todo o tipo de informação dos cidadãos — e-mails, telefonemas...). Têm tudo

arquivado, sobre o mundo inteiro — Europa, Alemanha... Estão a construir um complexo de 3 mil milhões de dólares no Utah para guardar essa informação. E bisbilhotam mais sobre os cidadãos norte-americanos do que sobre os chineses ou os russos...”, denuncia.

Stone não consegue alhear-se da atualidade e da política, no sen-

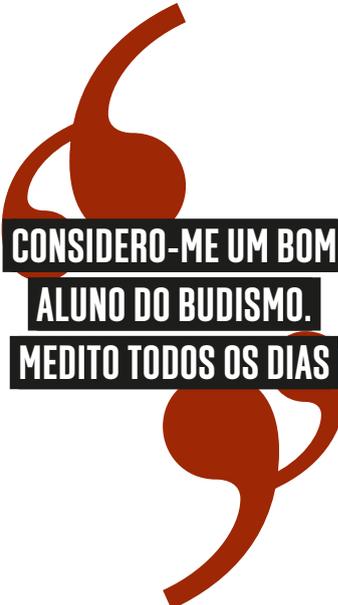
tido original do termo, quando a 'polis' incluía todos os cidadãos por definição. Extremamente atento ao que o rodeia, perguntou ao seu staff, mal chegou ao nosso país, quem era o Presidente no poder aquando da primeira Guerra do Golfo (1990-1991): "Mário Soares ou Jorge Sampaio?". Mais tarde, fez questão de conhecer Mário Soares. No Algarve, dias mais tarde, conversou com ele na sua casa de férias do Vau durante mais de uma hora. Diz quem assistiu que, pela primeira vez, Stone desceu do seu papel de professor, e ouviu humildemente o decano da política — figura de referência que associa à revolução de abril de 1974.

Percebe-se assim também a extensa lista de filmes do realizador sobre Presidentes: "JFK" (1991), "Nixon" (1995), "W." (sobre George W. Bush), em 2008... Quando indagamos se existe alguma razão para a maioria dos seus filmes terem fortes protagonistas masculinos, responde assim: "Talvez porque figuras masculinas como Bush e Nixon tiveram imenso impacto sobre o meu mundo. O que não quer dizer que não possa fazer filmes com protagonistas femininas fortes, até, quem sabe, sobre a minha vida amorosa..." Há quem diga, contudo, que isto está relacionado com o divórcio abrupto dos pais, em 1962, quando Oliver tinha 16 anos e estava longe, num colégio interno de rapazes. A separação marcou-o, e a mãe, francesa, voltou a passar longas temporadas na Europa. Em consequência, "não havia muita feminilidade na minha vida", admite Oliver, que ficou a viver com o pai. "A minha mãe estava muitas vezes na Europa, não a via muito..."

#### **"VASCO DA GAMA ERA UM GRANDE LÍDER. NO MAU SENTIDO"**

Um dos poucos filmes de Stone em que a protagonista é uma mulher é "Heaven and Earth", de 1993, a última película da trilogia do Vi-

etname. Le Ly é uma mulher vietnamita que casa com um veterano de guerra americano, após várias tragédias pessoais. O casal vai viver para os EUA, mas a guerra fez estragos — e o marido de Le Ly acaba por se suicidar. Baseado no livro de Le Ly Hayslip, "When Heaven and Earth Changed Places", esta rodagem marcou uma importante mudança na vida de Stone: a descoberta do budismo, religião que pratica desde então, que trouxe paz de espírito a uma mente inquieta, atreita a depressões. O pai de Stone era judeu e a mãe católica, mas nenhum era praticante. Stone cresceu protestante, fruto da educação e da catequese que frequentou nos EUA. Desde 1993, contudo, considera-se "um bom aluno do budismo". "Medito todos os dias".



**CONSIDERO-ME UM BOM  
ALUNO DO BUDISMO.  
MEDITO TODOS OS DIAS**

## **Oliver Stone em oito curiosidades**

1. Frequentou o primeiro ano da universidade de Yale, em 1968. Desistiu e foi para o Vietname do Sul ensinar alunos do secundário. Depois da Guerra do Vietname, ingressou na New York University Film School, que concluiu em 1971.

2. Trabalhou como taxista, integrou a Marinha mercante, foi vendedor de publicidade e assistente de produção.

3. Combateu no Vietname de 1967 a 1968, foi ferido duas vezes, recebeu uma medalha por heroísmo. A sua experiência na guerra foi fundamental para realizar os seus três filmes sobre o Vietname: "Platoon" (1986), "Nascido a 4 de Julho" (1989), e "Heaven and Earth" (1993).

Durante a rotação desta película, descobriu o budismo, que pratica desde então.

4. Fidel Castro: fez três documentários sobre o líder cubano, que considera um amigo, e admirava Hugo Chávez.

5. À esquerda: Construiu a sua ideologia ao testemunhar o papel dos EUA na América Central nos anos 80, nos conflitos da Guatemala, Honduras, Nicarágua e El Salvador, palcos colaterais da Guerra Fria.

6. Fez três filmes sobre presidentes norte-americanos: "JFK" (1991), "Nixon" (1995), e "W." (sobre George W. Bush), em 2008.

7. Perdeu a virgindade com uma prostituta, a meio da adolescência.

8. Drogas: foi preso aos 21 anos no México por posse de marijuana. Admitiu que fumar ajudou-o a sobreviver à Guerra do Vietname. "Ajudou-me a manter a humanidade numa situação desumanizante"

Durante a sua estada em Portugal, Oliver teve ainda tempo para sobrevoar as vinhas do Douro de helicóptero, para ouvir a fadista Ana Moura ao jantar, e para provar uma refeição cozinhada pelo engenheiro do chefe Pedro Lemos, que foram buscar ao restaurante Foz Velha. Em Lisboa, Stone fez questão de ir ao Largo do Carmo ver o local da revolução, extasiou-se perante a Torre dos Descobrimentos e o Mosteiro dos Jerónimos, interessou-se pela história de Fernão de Magalhães e de Vasco da Gama. E ficou deslumbrado com a ponte homónima, sobre o Tejo. Perguntámos-lhe se haveria algum episódio da História do nosso país que considerasse transformar em filme. "Para mim, a melhor história seria a de Vasco da Gama. Ele era um verdadeiro homem das Cruzadas. Matou muitos muçulmanos. Foi iludido, ao chegar à Índia, quando eles gritavam "Krishna, Krishna!", achando que diziam "Cristo". Então, escreveu a Henrique VIII, contando que encontrara uma civilização cristã no meio de tantos "muçulmanos odiosos"... Vasco da Gama foi um grande navegador e um grande líder. No mau sentido, mas grande".

Sobre o futuro, Stone não parte do princípio, sequer, "que venha a ser recordado". "O mundo é muito caótico...", justifica. Contudo, "ficaria lisonjeado se fosse recordado como um contador de histórias, interessado no seu tempo". Uma vez, em conversa com a comunidade índia, explicaram-lhe que as pedras — o seu apelido, "stone" — eram o mecanismo de gravação de mensagens mais antigo e sagrado. E que talvez o seu papel nesta vida fosse escrever sobre essas histórias mudas, como se fosse mais uma pedra, uma "pedra Oliver". "Se pudesse gravar numa pedra uma palavra que o definisse, qual seria?", queremos saber. "Forever" (para sempre), responde. ●

revista@expresso.imprensa.pt